

Desvendando leitores: um estudo sobre a leitura de poesia no Ensino Médio

Débora Cristina Ferreira Garcia

Pós-graduação Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

debbyferreiragarcia@ig.com.br

Abstract: The text can't be idealized as an only line of sense, but as the promoter of the relationship between what is enunciated and the discursive-cultural experience of the reader. This paper has the intention of investigate what takes the reader to interest for certain texts; what he seeks in the texts that he chooses to read. By means of the poems more consumed for the students of the Medium Teaching of Araraquara and São Carlos, it will be made a discussion about these poems, trying to understand why the readers chose them. It takes the semiotics theory of Greimas as orientation for this discussion.

Keywords: lecture, Greimas' theory semiotic, poem, identification.

Resumo: o texto não pode ser idealizado como uma linha de sentido único, mas como aquele que promove a relação entre o que está enunciado e a experiência discursivo-cultural do leitor. Este trabalho tem a intenção de investigar o que leva o leitor a se interessar por certos textos; o que ele procura nos textos que escolhe para ler. Por meio dos poemas mais consumidos pelos alunos do Ensino Médio de Araraquara e São Carlos será feita uma discussão sobre esses poemas, tentando entender porque esses leitores os escolheram. A perspectiva teórica de Greimas é considerada como orientação dessa discussão.

Palavras-chave: leitura, semiótica greimasiana, poesia, identificação.

Introdução

A linguagem pode ser entendida como forma de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos atos. Ela permite que o homem interaja socialmente por meio de formas diversificadas (gestos, desenhos, escrita, fala) e com propósitos e resultados variados. O ser humano vale-se desse meio de comunicação, graças ao qual exterioriza seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seu conhecimento e suas atitudes. Como fundamento último da vida em sociedade, a linguagem funciona também como elemento de persuasão entre sujeitos.

Ao longo do seu processo evolutivo, o homem preservou seu patrimônio cultural por meio da fala, da escrita ou de qualquer forma de arte, como a música, a literatura, a pintura ou a escultura. Sabe-se, por exemplo, que os acontecimentos históricos de épocas passadas foram mantidos por muitas gerações por meio da cultura oral. Utilizando-se de técnicas de memorização, essa civilização mantinha fatos de sua constituição política e social vivos na memória de seu povo. Com o surgimento da escrita, o arquivamento cultural começou a ser feito também pelo pergaminho, pelo rolo, pelo livro e, mais recentemente, pela configuração eletrônica da tela do computador. Tais veículos de propagação de sentido são encarregados de conservar tanto as lembranças individuais, como também a consciência vigilante da história das civilizações.

A leitura, assim como qualquer ato de linguagem, pode ser um meio de refletir como determinada cultura processa sua significação. Um estudo sobre o sentido deve se ater, necessariamente, aos processos de construção da linguagem. Aquele que deseja investigar essa interação deve ser capaz de reconhecer no objeto de seu estudo os valores que veicula e os sentimentos que provoca naquele que os recebe, pois as posturas em relação a determinado discurso podem mudar dependendo da época e do local em que é recebido.

A leitura é uma atividade complexa, que pode ser observada por diferentes enfoques. Além de permitir a informação, o lazer, o conhecimento de mundo e de si mesmo, o grande charme dessa atividade está relacionado a um processo de afetividade que envolve o texto e o leitor. Assim, se a recepção exige uma postura reflexiva do leitor, ela também influi igualmente sobre sua afetividade. A palavra, até mesmo a mais simples, quando enunciada, traz consigo uma carga passional, ou seja, a comunicação tem um componente emocional.

Este presente estudo visa avaliar a leitura enquanto um ato que privilegia a figura do leitor. Partindo-se do pressuposto de que, ao produzir qualquer mensagem, o enunciador deixa entrever os valores que defende, pode-se pensar que a seleção de um poema também implica reflexos da maneira como o sujeito da recepção concebe o mundo à sua volta. Pretende-se, portanto, entender como esse sujeito seleciona os textos que lê; quais as expectativas que direcionam sua busca.

Parte-se da perspectiva de que existe algo no texto que desperta interesse em seus leitores. Por exemplo, os textos místicos geralmente são lidos por aqueles que buscam uma explicação sobre o mundo imaterial. As obras que exploram o tema do amor fantasioso, utópico, geralmente são apreciadas por pessoas que se interessam por assuntos amorosos. Dessa forma, pode-se dizer que o texto reflete as expectativas do leitor, aquilo que ele busca quando escolhe uma determinada obra.

Tendo consciência de que a leitura entre pessoas comuns se dá primeiramente pelo processo de identificação - a afinidade com uma personagem, com o conteúdo do discurso ou com o contexto em que a história está inserida - este estudo acredita que mais do que um modo de leitura peculiar, o engajamento afetivo é de fato um componente essencial da leitura e seu impacto na existência do sujeito é mais real do que se imagina. Basta refletir, por exemplo, as ações ocorridas na Alemanha com a leitura de *Werther*, do escritor Goethe. Os jovens, envolvidos por razões psicológicas e sociais, viram-se identificados com a personagem e desencadearam um dramático número de suicídios.

2. O processo de leitura como uma busca de sentidos

Embora a leitura tenha uma amplitude larga em relação aos objetos que abarca, é possível unificá-la sob a perspectiva de uma busca de sentido. Em outras palavras, ler um jornal, uma imagem, um gesto ou a configuração de uma cidade, embora tenham constituições distintas, são formas de linguagem propagadoras de sentido que o leitor, ao longo do processo da recepção, tenta construir. O indivíduo que se propõe ler é levado por uma intencionalidade, por uma procura de sentido.

A análise interna do texto revela que as seleções feitas e os efeitos de sentido alcançados não são obras do acaso, mas decorrem da intenção imprimida ao texto pela enunciação. Assim como é possível depreender os sentidos pelo exame acurado dos procedimentos por parte da produção, também é pertinente recuperar as intenções de leitura, na sua relação com a seleção do texto de preferência para uma determinada cultura.

ura, na sua relação com a seleção do texto de preferência para uma determinada cultura.

A leitura, assim como qualquer ato comunicacional, envolve o diálogo entre o sentido construído pelo criador do discurso e sua interpretação por parte dos leitores. Portanto, o texto só existe porque há um leitor para lhe dar significação. Todo ato de ler seja um jornal, seja uma obra literária, envolve a construção do sentido. A significação depende das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores. Estabelecendo a relação entre a experiência sensível da linguagem e a experiência cultural do mundo está-se destacando o processo da recepção, figurativizado pelo leitor. Ele é a instância resultante da leitura, na medida em que ao escolher determinado texto, esse sujeito reflete expectativas que direcionam sua busca. A relação texto – leitor permite entender os valores investidos pelos sujeitos nas suas escolhas de leitura. Pode-se dizer, portanto, que a história cultural é capaz de mostrar como a linguagem possui

(...) configurações passionais mais ou menos estáveis, diferentemente categorizadas e valorizadas segundo as culturas e as épocas, e abrindo, assim, mais largamente, a análise da paixão à dimensão histórica, social, estética e antropológica que a caracteriza (Bertrand, 2003, p.366).

O ato de leitura pode ser investigado como reflexo da busca de valores relativos a uma determinada época e sociedade. O sujeito, ao procurar um livro, é impulsionado por expectativas variadas. Sua adesão ao discurso revela que a obra foi capaz de satisfazer seus desejos e curiosidades. Esta investigação promove a reflexão sobre a relação de sentido que envolve um macro-texto, qual seja a cultura.

O texto carrega todo um potencial de ação que é atualizado pelo processo de recepção. Essa atualização consiste primeiramente na observação da nova realidade simulada pelo discurso e culmina com a formação do sentido apreendido por tal experiência. Cabe ao sujeito da leitura reconhecer as diferentes perspectivas que compõem o ato de representação e unificá-las de forma coerente para atingir o sentido daquele discurso. O sentido, então, não é explicitado pelo discurso, ele só é apreendido

pela consciência de representação do leitor. A constituição significativa do texto se dá por meio de fases sucessivas e regressivas da leitura. Só depois de ler a última linha do texto é que o sujeito da recepção será capaz de reconhecer seu sentido:

O leitor, ao ler, atualiza o texto e seu sentido, de acordo ou não com as suas expectativas e previsões advindas de sua competência lingüística e cultural. Mas o texto também procura e cria seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude, a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crença que a leitura proporciona, eis que se reencontram, invertidas, a experiência sensível da linguagem e a experiência cultural do mundo (Bertrand, 2003, p.413).

Assim, pode-se pensar que o estudo da recepção da obra permite inseri-la no contexto do leitor, pois não só se estuda a narratividade, mas sua relação com o sujeito social, entendido como um público com expectativas relativamente conhecidas e que podem ser consideradas como reflexo da época a qual pertence.

Cabe ao estudo semiótico reconhecer como o sujeito social da leitura reage ao discurso produzido, pois a alta aceitabilidade no mercado de livros significa que as expectativas do público leitor daquela comunidade foram atendidas.

3. A leitura de poesia entre os estudantes do Ensino Médio

O levantamento do *corpus* sobre os leitores de poesia ocorreu em escolas públicas e privadas do Ensino Médio de São Carlos e Araraquara, com a participação de 571 alunos. Para a realização desse levantamento foram aplicados questionários, buscando entrevistar de maneira proporcional as três séries do Ensino Médio. Durante a aplicação dos questionários, buscou-se evitar a conversa entre os alunos e também destes com os professores. Além disso, a aplicação era feita com a supervisão da pesquisadora. Tais procedimentos evitaram que as respostas fossem guiadas pela influência dos colegas ou dos próprios professores.

Os nomes dos alunos não foram questionados a fim de possibilitar maior liberdade para suas respostas; não se identificando, as pessoas sentem-se menos constrangidas para falar de seus costumes.

A faixa etária do público pesquisado concentrou-se basicamente entre os 14 e 18 anos, idade correspondente aos alunos regularmente matriculados nas séries do Ensino Médio. Procurou-se construir um grupo de leitores relativamente homogêneo, com uma determinada faixa etária. Assim, poder-se-ia falar em público-leitor, já que um estudo sobre o leitor isolado torna-se praticamente impossível. Cada indivíduo reage diferentemente, dependendo da sua experiência social, cultural e psicológica.

Os resultados mostraram que a leitura de poesia fica em segundo lugar na preferência dos alunos (38%), perdendo para a prosa, com uma percentagem de aceitação de 44%. Reitera-se, com esses dados, a marginalização da leitura de poemas na sociedade contemporânea. Em uma outra questão, quando os gêneros são expandidos, a poesia fica em terceiro lugar, perdendo para os livros de aventura e as histórias de amor, respectivamente.

Nesse levantamento, procurou-se observar quais eram os autores de poesia mais conhecidos do público adolescente. Os poetas mais votados, seguindo uma ordem decrescente de preferências, foram: Vinícius de Moraes, Luís Vaz de Camões, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Com relação aos dois primeiros colocados, foram mencionados os seguintes poemas: *Soneto da fidelidade* e *Amor é fogo que arde sem se ver*, respectivamente.

Diante desse resultado, pôde-se levantar a hipótese de que os autores mais citados pelos estudantes estão ligados, de alguma forma, ao universo da música, pois seus poemas estão presentes em canções populares. Dessa forma, o conceito de poesia entre os jovens está ligado ao de música, uma das manifestações culturais mais valorizadas por esse grupo.

No entanto, uma análise mais detalhada revelou que tais canções pertencem a épocas distintas: “Monte Castelo”, interpretada pelo Legião Urbana e que faz referência ao poema de Camões, está mais próxima da realidade do público pesquisado, ao passo que a música “Eu sei que vou te amar”, que traz ao final a declamação do “Soneto da Fidelidade”, está em uma época mais distante dos alunos. Essa reflexão permitiu concluir que a ligação da poesia à música se dá em sala de aula, por intermédio dos professores. Eles utilizam tais textos para atingir os objetivos do conteúdo didático. Nada melhor que aliar o ensino de literatura à música, uma vez que essa faz parte do cotidiano dos adolescentes.

Constatou-se ainda que 60.59% dos adolescentes se enquadram na leitura imposta, contra 38.17% daquelas feitas por vontade própria, ou seja, a leitura dos poemas se dá primeiramente pela imposição dos professores. O educador transforma-se em um destinador-manipulador ao instituir a modalização do /fazer-fazer/ em seu aluno. Essa manipulação pode ser alcançada pela imposição (o aluno lê para atingir boas notas) ou pela sedução (o aluno lê porque o texto pode lhe agradar). O destinador regula um pano de fundo axiológico ao definir a leitura como algo desejável, temível e odiável, logo de início. Consciente da marginalização da poesia nas escolas, ao professor cabe o papel de incentivar a leitura desse gênero literário por meio de textos mais próximos do convívio dos alunos. Embora não seja o texto original, mas uma leitura dele, a música pode ser um caminho eficaz para despertar o interesse em ler o poema original.

A distinção da obra é produto da atribuição de um valor, definido, em semiótica, como um objeto sintático que possui um investimento semântico que, ao se polarizar, constitui-se em uma axiologia, em uma categorização do objeto. Enquanto o primeiro contato com o livro cria um estado de foria, marcado pela presença de forças contrárias, sua classificação como boa ou má eleger uma dessas qualificações, dependendo do interesse do sujeito. Assim, o leitor contrasta seu conhecimento de mundo com o proposto pelo discurso do narrador ou do destinador e atribui a ele um valor.

Partindo de tais idéias, mesmo que a leitura tenha se iniciado por imposição, o leitor, ao citar a obra de que mais gostou, não estaria, nesse estágio, atrelado ao processo de manipulação do educador, mas ao reconhecimento do valor que a obra pôde suscitar para sua formação. A atualização do sentido só se dá depois da relação emotiva e cognitiva do sujeito com o objeto.

Conclusão

A existência semiótica do sujeito é dada por sua relação com o objeto, determinando sua maneira de ser e os valores que prestigia, o que configura sua existência semântica. Assim, o imaginário do leitor pode ser identificado pela observação dos livros que o sujeito seleciona, pois a leitura, assim como qualquer ato, tem uma orientação; está voltada para um objetivo. A adesão desses sujeitos a determinado discurso é guiada por suas expectativas e interrogações. Essas se refletem na obra que escolhem. Greimas e Fontanille (1993), ao investigarem a relação entre instância da enunciação e a formação do sentido, observam que os investimentos narrativos das configurações passionais são refletidos sobre o ponto de vista da instância da produção. Do mesmo modo que a análise das produções revela o modo como uma cultura configura uma determinada paixão, a investigação do processo de recepção, por meio da observação das obras sancionadas positivamente pelos leitores, ou seja, daquelas que possuem um grande número de adeptos, também revela o sentido atribuído por essa comunidade às obras que prestigiam.

A investigação sobre o leitor deve se concentrar no imaginário coletivo, destacando os valores e os gostos compartilhados pelo texto e seus leitores. Antes de ser uma realidade histórica, o leitor só pode ser concebido como uma imagem. Por isso, o exame das obras mais consumidas por um determinado grupo social deve considerar o movimento que o leitor faz em relação ao texto que lê. Um dos caminhos para entender o leitor é saber como ele reage ao papel proposto ao enunciatário para o entendimento da obra. Depois de compreender o discurso, o leitor será capaz de sancionar as idéias defendidas pelo enunciador, ato que acarreta na valorização ou não da obra

a oposição enunciador/enunciatário é o ponto de partida para a investigação do processo de leitura porque é por meio dessas duas categorias discursivas que se poderá levar em consideração a inserção social do autor e do leitor e, num nível mais abrangente ainda, a do editor e a do público consumidor. Nesse sentido, os processos de produção e leitura são indissociáveis. O princípio da produção é constituído por um movimento retórico que se dirige para um leitor construído pelo ato enunciativo. O efeito sobre o leitor real será positivo na medida em que a aceitabilidade do texto construído atingir um público vasto de leitores (Cortina, 2004, p.186).

Na condição de indivíduo concreto, o leitor é dificilmente teorizável, pois ele reage ao texto em razão de parâmetros psicológicos e socioculturais extremamente diversificados. Por isso é preciso estudá-lo dentro de um *público vasto de leitores*, como a citação acima se refere. No plano da história coletiva, esse leitor pode ser apreendido por meio do grupo social do qual participa. Reconhece-se o modo de pensar dessa cultura, os costumes e os valores estimados.

Ciente de todas as dificuldades que envolvem uma investigação sobre a leitura, este estudo tentou avaliar os fatores responsáveis pela escolha dos poemas de Camões e Vinícius de Moraes a partir daquilo que se pôde apreender sobre o imaginário dos leitores que propõem a leitura de tais textos. A valorização de um poema é dada por uma atribuição de sentido. Em outras palavras, pode-se ler Camões porque ele aborda

temas que condizem com a forma de pensar dos leitores ou que fazem parte da curiosidade de conhecimento desses sujeitos. Além disso, a adesão ao discurso poético pode ser guiada pela sua forma especial de trabalhar as palavras ou simplesmente porque seu autor tem notoriedade. Esse único exemplo demonstra que as pessoas lêem por motivos variados e cada fator consiste em sua forma de dar sentido ao ato de leitura. O processo de leitura deve ser entendido, então, como um evento semiótico, uma vez que o intuito é compreender como o processo de significação de uma obra se dá dentro de uma determinada cultura.

Embora as poesias selecionadas sejam clássicos da literatura não significa que esse fator seja o mais importante entre os elementos postos em jogo no processo de seleção dos poemas preferidos. Há outros elementos que permitem a sobrevivência desses textos no mundo contemporâneo. O exame dos poemas revelou que o veículo de propagação em que eles foram inseridos e a temática explorada são capazes de envolver qualquer tipo de leitor.

O grande aliado dessa identificação leitor vs obra é sua adaptação a um novo suporte de propagação, a música, muito consumido pelo público em questão, o que garante um número maior de leitores. Em outras palavras, a leitura de poesia é pouco apreciada entre os adolescentes, conforme mostra os resultados da pesquisa, ela fica em terceiro lugar na preferência dos jovens, perde sempre para os textos em prosa. No momento em que ela se associa à letra de uma canção sua aceitabilidade torna-se maior. Para o público pesquisado, *Amor é fogo que arde* estará sempre atrelado à música do Legião Urbana e *Soneto da fidelidade*, à de Vinícius de Moraes. O valor de objeto de entretenimento se instaura sobre as poesias, garantindo assim maior aprovação e interesse do público jovem.

A readaptação do poema para a música é algo bastante comum na música brasileira. Arnaldo Antunes, por exemplo, musicou o poema “Budismo Moderno”, de Augusto dos Anjos, no disco *Ninguém*. Na sociedade brasileira contemporânea, os jovens não distinguem mais uma letra de música de uma poesia. Desde a Bossa Nova, a partir dos anos 50, nomes de cantores e compositores de música popular alinham-se com nossos poetas; basta citar alguns nomes, como o próprio Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso. Um nome atual de compositor de MPB e escritor de poesia é Arnaldo Antunes. Ele começa sua trajetória artística em uma banda de rock, fazendo música e letra. Em um de seus livros, *Nome* (1993), além dos poemas, há um CD e um vídeo que fazem referência à obra escrita. Renato Russo e Cazuza também foram cantores e compositores que eram chamados de poetas.

Numa sociedade que pouco valoriza a leitura, principalmente literária, a música e as manifestações artísticas mais populares podem ser grandes aliadas para um primeiro contato com textos poéticos. Assim, a população em geral, conhece *Grande sertões*, *Os maias*, *Vidas secas* por meio de produções adaptadas às minisséries da televisão ou do cinema. Embora tenham conhecimento do texto original, os produtores da TV e do cinema têm que fazer adaptações para o novo suporte que irá veicular esses mesmos textos. São apresentações de uma das leituras possíveis sobre a obra original.

Por tudo o que foi dito, a associação do poema com a música pode ser um recurso didático muito produtivo no incentivo à leitura de poesia pelos alunos. No entanto, os educadores devem usá-lo como um primeiro passo para o conhecimento do discurso original. Depois de entrar em contato com um discurso mais popular, é

imprescindível o resgate do texto poético fonte, pois os alunos podem reconhecer o que foi mantido ou retirado no texto musical, bem como as implicações que isso pode ter para a constituição do sentido de cada discurso. Essa postura crítica exigida do aluno enriquece seu repertório discursivo, além de mostrar que cada discurso tem sua particularidade e que cada um se adapta ao gênero em que está inserido.

Bibliografia

- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- CORTINA, A. semiótica e leitura: os leitores de Harry Potter. In: CORTINA, A. e MARCHEZAN, R. C. (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p. 153-189.
- _____. *O príncipe de Maquiavel e seus leitores: uma investigação sobre o processo de leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREIMAS, A.J. e FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- JAKOBSON, R. Lingüística e poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1972, p.118 – 162.
- JOUBE, V. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.